

Os naturalistas e o Ceará:
XII - Raimundo Renato de Almeida Braga
(1905 - 1968)

MELQUÍADES PINTO PAIVA*

Dos naturalistas estudados nesta série, Raimundo Renato de Almeida Braga (1905 - 1968), conhecido como Renato Braga, foi o que nos proporcionou mais longa convivência, como diretor e amigo, recebendo-nos em freqüentes visitas domiciliares, estas alimentando demoradas conversas sobre temas de comum interesse. Com a sua morte, tivemos o privilégio de o suceder em cadeira do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), na condição de sócio efetivo da agora centenária instituição cultural, que tanto enobrece o Ceará.

Estes antecedentes bem que poderiam comprometer a seriedade do presente estudo, o que não acontece por duas fortes razões: o autor está acostumado aos rigores metodológicos e conceituais da pesquisa científica; o homenageado nunca precisou de fáceis elogios e sempre se mostrou como homem de espírito superior, desenvolvendo trabalho continuado com os objetivos claros e alcançáveis – não foi um intelectual perdido no universo de suas preocupações culturais. Entretanto, temos que conter emoções, quando escrevemos sobre o pranteado chefe e amigo.

Das fontes bibliográficas relativas a Renato Braga, três delas se sobressaem, a saber: informações por ele fornecidas a Hugo Victor Guimarães (1952: 117 - 120) e os livros de Francisco Alves de Andrade (1969 e 1979).

Renato Braga nasceu no seringal Vitória, município de Cruzeiro do Sul, no atual estado do Acre, em 20 de dezembro de 1905,

*Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

filho do casal de cearenses Antônio Bruno de Almeida Braga e Maria José Rosas Braga, desbravadores do alto Juruá, onde começou os seus estudos.

Vejam algumas das belas palavras contidas no discurso de sua posse no Instituto do Ceará: “Devoto humilde e obscuro do regionalismo nordestino, e duplamente cearense porque nasci no Acre, conquistado à selva e aos rifles estrangeiros pelo braço e pelo sangue dos vossos pais e dos vossos irmãos, pelo meu pai e pela minha mãe, bato às portas desta casa, para colaborar convosco, convicto de que na vossa companhia encontrarei a mais alta expressão das velhas tradições cearenses: trabalho, bravura, persistência, honradez e hospitalidade.” (BRAGA, 1944: 256).

Em 1918 a família chegou ao Ceará, fixando-se na fazenda Volta, no atual município de Acopiara, onde o filho adolescente se iniciou nas atividades agrícolas, ao lado de genitores e parentela, em terras semi-áridas do sertão. Ali, Renato Braga adotou simbolicamente a cidadania cearense, começando a caminhada que o levou a ser o consolidador do ensino agrônomo no Ceará. No ano seguinte, sua família veio para Fortaleza, onde ele ultima o curso primário.

Os estudos secundários se iniciaram em Fortaleza, no Colégio São Luiz, fazendo os respectivos exames preparatórios no Liceu do Ceará. Em 1924 ingressou na Escola de Agronomia do Ceará, onde permaneceu até 1927, quando recebeu o grau de Engenheiro Agrônomo. Foi o primeiro presidente do Centro Acadêmico da Escola de Agronomia (agosto/1927 – agosto/1928) e também o orador da turma de agronomandos de 1927.

Em 1926, ainda como aluno da Escola de Agronomia do Ceará, foi nomeado seu secretário, onde permaneceu até 1934. Entre março/1934 e outubro/1935, esteve como secretário da Escola Nacional de Agronomia, então situada na cidade do Rio de Janeiro.

A seguir, tentaremos acompanhar o desempenho profissional do nosso homenageado: em janeiro/1929 foi nomeado engenheiro-agrônomo da Prefeitura Municipal de Fortaleza, para cuidar da arborização, jardins e aguadas, quando organizou o Horto Florestal, permanecendo no cargo até dezembro/1937; em

1933 tornou-se sub-assistente dos Serviços Experimentais de Irrigação do Nordeste, depois passando a assistente e chefe, saindo em março/1934; de agosto/1940 a dezembro/1944, respondeu pelo expediente da Diretoria Geral de Agricultura (Secretaria dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas do Estado do Ceará), quando instalou a Fazenda Normal de Criação, o Campo de Fruticultura do Crato, a Estação Agrostológica de Quixadá e reformou diversos dos seus serviços; em fevereiro/1946 assumiu o cargo de Secretário Estadual dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas, ficando até outubro do mesmo ano – nesta curta gestão, entre outros serviços/atividades, criou o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem; em maio/1959 tornou-se Secretário da Fazenda do Estado do Ceará, onde permaneceu até novembro daquele ano.

Foi eleito deputado estadual nas legislaturas 1947 – 1950 e 1951 – 1954, preocupando-se com os problemas relacionados com a agricultura, a pecuária e a economia rural do Ceará.

Entre 1930 e 1940, com algumas interrupções, exerceu o magistério secundário na cidade de Fortaleza, no Colégio Castelo e no Ginásio São João – aqui, foi um dos fundadores e seu diretor, ocupando a cadeira de História Natural.

Ainda como agronomando, foi designado professor substituto de Álgebra e, logo após a sua formatura, foi indicado para a cadeira de Zootecnia Geral da Escola de Agronomia do Ceará. Com a estadualização desta instituição (decreto estadual n. 1550, de 7 de maio de 1935), foi confirmado catedrático da 15ª cadeira - Zootecnia Exterior e Raças, Zootecnia Geral e Genética, com posse em 3 de junho de 1935. Na época da federalização (lei n. 1055, de 16 de janeiro de 1950), estava como professor catedrático da 15ª cadeira - Zootecnia Geral e Genética. Entre abril/1938 e fevereiro/1946 foi o diretor da Escola de Agronomia do Ceará, quando consolidou o ensino da Agronomia em terras cearenses; depois, entre agosto/1967 e junho/1968, dirigiu o Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. Com a criação do Instituto de Zootecnia da Universidade do Ceará (resolução n. 91, de 1º de dezembro de 1960), vinculado à Escola de Agronomia, foi nomeado seu diretor, assim ficando até agosto/1967. Entre ja-

neiro/1960 e junho/1967 esteve como vice-reitor da Universidade Federal do Ceará.

Renato Braga pertenceu às mais importantes instituições culturais do Ceará, a saber: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), com posse em 31 de agosto de 1944, tornando-se seu presidente, substituindo Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho, entre 9 de novembro de 1967 e 20 de março de 1968; Academia Cearense de Letras, onde ingressou em 21 de maio de 1930, tendo sido seu presidente no biênio 1961 - 1962; Instituto do Nordeste, já extinto, criado em 24 de julho de 1945, sendo um dos fundadores; em 1939 já estava na relação dos sócios da Sociedade Cearense de Geografia e História, criada em 25 de agosto de 1935. Também foi um dos fundadores da Sociedade Cearense de Agronomia (atual Associação de Engenheiros Agrônomos do Ceará), em 19 de setembro de 1942, tendo sido o segundo presidente, no biênio 1945 - 1946.

Foi o proprietário-editor da revista *Nordeste Agrícola*, de curta existência (1936 - 1938), que abrigou importantes e originais contribuições científicas relativas à natureza do Nordeste do Brasil.

Renato Braga casou-se com Miriam Gonçalves da Justa, na cidade de Fortaleza, em 31 de maio de 1930, de cujo consórcio teve cinco filhos; da família, sobrevivem quatro dos filhos (2001). Faleceu na mesma cidade, em 13 de junho de 1968, e foi sepultado no Cemitério São João Batista.

Trabalhos e livros publicados

Em toda a sua vida, Renato Braga foi um trabalhador metódico e persistente, acumulando conhecimentos hauridos em constantes leituras e anotando observações feitas no decorrer de freqüentes viagens.

Na bibliografia que nos deixou não se encontram trabalhos em co-autoria, e mesmo eles não podem ser considerados numerosos (ANDRADE, 1967: 44 - 46). Entretanto, os seus três livros têm valor alto e permanente, consagrando-o como um dos mais importantes escritores voltados para diferentes aspectos do Ceará

– geografia, recursos naturais e história. Em várias ocasiões, ele nos disse que gostava de escrever livros que “ ficassem em pé ”, ou seja, que fossem volumosos, pouca atenção dando a trabalhos de pequeno porte e de restritas informações, mais apropriados para publicação em revistas especializadas.

A seguir, vamos apenas destacar e comentar textos de sua autoria, bem relacionados com a natureza cearense, nos mais diversificados aspectos, tendo abrangência compatível com a sua vasta cultura.

* * * BRAGA, R. A. - 1936 - Notas sobre o Mosaico da Cana-de-Açúcar. *Nordeste Agrícola*, Fortaleza, I (1) p. 14-16.

Artigo de divulgação sobre o mosaico da cana-de-açúcar, abordando sua origem, causa, sintomas, danos, transmissão e combate.

Diz que a doença apareceu no Ceará em canaviais de Acarape, no ano de 1929, quando foi identificada oficialmente, mas que ela já ocorria no Cariri, trazida por estacas oriundas de Pernambuco ou Sergipe.

Sobre prejuízos causados à lavoura canavieira cearense, postula: “ Sitios que rendiam 25.000 canadas de cachaça ficaram reduzidos a 3.000 e 1 carga de rapadura passou a ser fabricada com 14 cargas de cana, em vez de 8, como era anteriormente.” (p. 14-15).

* * * BRAGA, R. A. - 1937 - A Lagarta do Algodão. *Nordeste Agrícola*, Fortaleza, II (3): 51 - 53.

Artigo de divulgação sobre a lagarta do algodão, forma larval da mariposa *Alabama argilacea* Hubn. Trata da biologia da espécie, nos seus quatro estados evolutivos: ovo, larva, ninfa e inseto perfeito. Também cuida do combate à praga, sob a forma de lagarta, que causa completa destruição dos algodoais.

* * * BRAGA, R. A. - 1944 - Um capítulo esquecido da economia pastoril do Nordeste. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, IV (38): 70 - 78.

Este é um importante artigo sobre a história da indústria da carne-seca no nordeste do Brasil.

“O período áureo da pecuária nordestina estadea-se no século 18, quando flue generosamente a fonte das concessões ter-

ritoriais e ultima-se o povoamento, graças ao boi, cujo passo tardo mas persistente conquista as caatingas e o tapuío bravo, acolchetando economicamente, aqui como alhures, os sertões aos núcleos consumidores da periferia açucareira e do centro minerador." (p.70).

A expansão da pecuária no bioma das caatingas e o deslocamento das boiadas em busca dos mercados consumidores, com perda de peso e custos elevados, explicam a origem da indústria da carne-seca no litoral nordestino, com o estabelecimento de *fábricas, oficinas* ou *feitorias*, como eram chamadas as unidades produtoras, que dominaram ao longo das costas do Ceará, onde elas começaram a aparecer, expandindo-se para o Rio Grande do Norte e o Piauí. Ficavam localizadas nas embocaduras dos rios, por causa da disponibilidade da água e do sal, acessíveis à frota de sumacas, transportadoras da produção. A então vila do Aracati, junto à foz do rio Jaguaribe, maior empório comercial da costa do Ceará, era a porta de entrada para os sertões criadores do grande vale – ali nasceu e floresceu a nova indústria, onde alcançou o seu máximo desenvolvimento.

Além da abundância da matéria-prima sob a forma das boiadas, que chegavam às unidades processadoras da carne-seca, no litoral pastoril nordestino estavam presentes outros fatores locais, tais como vento constante e de baixa umidade, existência de sal e barras acessíveis à cabotagem. Cada sumaca carregava em seus porões a carne de 2.000 bois, cerca de 72 toneladas de carne seca, atribuindo-se a cada rês o peso médio de 12 arrobas, com apenas 20% de rendimento. Aracati carneava, anualmente, entre 20.000 e 25.000 bois.

Os locais onde se estabeleceram as *oficinas* produtoras de carne-seca foram os seguintes: Aracati, Granja, Camocim, Sobral e Acaraú, no Ceará; Mossoró e Açú, no Rio Grande do Norte; Parnaíba, no Piauí.

A grande seca de 1777-1778 foi a causa primeira do desaparecimento da indústria nordestina da carne seca, em decorrência da morte dos rebanhos, nos sertões que ficaram quase desertos. "No Ceará não houve decadência na indústria da carne, ruiu de uma vez, caiu para nunca mais se levantar." (p.75).

O fundador da indústria saladeiril no Rio Grande do Sul, à margem direita do Pelotas, foi o cearense José Pinto Martins, isto em 1780. Ele era natural de Aracati, donde emigrou por causa da grande seca dos anos 1777 -1778 – esta marcou, em definitivo, a decadência dos setores nordestinos, como abastecedores de carne.

Este trabalho também foi publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, na cidade de Fortaleza, volume 61: 149 - 162, 1947. Aparece, ainda, em ANDRADE (1969: 93 - 106).

* * * BRAGA, R. - 1949 - Açudagem – Orós – Irrigação. *Revista da Escola de Agronomia do Ceará*, Fortaleza, I (1): 65 - 80.

Tese apresentada pela Federação das Associações de Comércio e Indústrias do Ceará à II Conferência Nacional das Classes Produtoras, realizada em Araxá (MG), nos dias 24 - 31 de julho de 1949.

O autor trata da área das secas nordestinas, da sua ocorrência e conseqüências, concluindo que elas, em última análise, constituem um problema social.

Discute os efeitos diferenciados das secas sobre as propriedades sertanejas, com efeitos desastrosos sobre os despossuídos de terra e os pequenos proprietários; o grande proprietário não perde tudo, uma vez que fica com a pastagem e os restos das lavouras mortas pela falta d'água.

Entrando mais no problema em estudo, volta sua atenção para a açudagem, como principal política de combate aos efeitos negativos das estiagens anuais e das secas propriamente ditas, que acarretam profundas mudanças na ambiência semi-árida – domínio das caatingas.

“As águas remansadas conferem um tom diverso ao quadro geográfico e fazem surgir nova paisagem biológica e humana. A flora e a fauna enriquecem-se. A modificação fundamental porém é a fixação do homem. Sob as suas mãos criadoras vai se desenhando outra paisagem, paisagem amável emoldurada na tristura cinzenta da caatinga, oásis emergindo na aspereza da mata decídua. É o milagre fecundo da água, a melhor das cousas criadas, na expressão de Píndaro.” (p.69).

Cuida da prática da açudagem, com a construção de pequenos, médios e grandes açudes, com seus diversos usos, vantagens e

desvantagens. Os pequenos açudes resultam da iniciativa dos proprietários e começaram a aparecer já no século XVIII, no espaço da Paraíba, destinados então à bebida dos gados. Os médios açudes representam diferentes graus de participação privada e pública, no custeio das obras; já a grande açudagem fica sob a exclusiva responsabilidade dos governos, tanto estaduais como federal.

“As grandes obras não devem excluir as pequenas. Nem estas são de molde a dispensar aquelas. A grande, a média e a pequena açudagem encontram campos perfeitamente delimitados pelas condições restritivas da natureza e da sociedade.” (p.69).

A seguir, faz comentários e apresenta dados relativos ao açude Orós, na bacia do rio Jaguaribe (CE), cujos trabalhos de construção foram iniciados em 1921 e paralisados em 1929 – o grande açude veio a ser concluído somente no governo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902 - 1976), no período em que governou o Brasil (1956 - 1961). Discute assuntos os mais diversificados, como a alteração do regime do rio Jaguaribe, o controle de enchentes, o uso e valor das vazantes, a produção de pescado, o preço das terras, a geração de energia elétrica e a irrigação – esta cobrindo as várzeas do Icó, que vão das proximidades de Orós até perto de Lavras da Mangabeira, com cerca de 10.000 hectares, e a planície que se estende de Aracati até o Boqueirão do Cunha, acrescida das várzeas do Banabuiú, formando área de 120.000 hectares. Conclui que a construção do Orós é um dos problemas de base do Ceará.

Criticando o descaso dos governos com respeito à irrigação propiciada pelos açudes, nos diz: “A maioria deles está mais na fase de monumento público, a nos impressionar pela grandiosidade, que centro de uma ativa produção rural.” (p.78).

Em resumo, as conclusões foram as seguintes: conclusão do açude Orós, com suas obras complementares, atribuindo-se quota anual de recursos da União; política de apoio à pequena e média açudagens, com prêmios e créditos para os proprietários cooperantes; imediata elaboração/aprovação do código de irrigação.

*** BRAGA, R. - 1951 - Pteridófitas cearenses. *Boletim da Secretaria da Agricultura e Obras Públicas do Ceará*, Fortaleza, (2): 77 - 101.

Relação das pteridófitas encontradas no Ceará, perfazendo 94 espécies determinadas e 4 a classificar, coletadas por Jacques Huber (1867 - 1914), nos arredores de Fortaleza, serra de Baturité (em torno de Guaramiranga) e nas vizinhanças de Baturité e Quixadá; por Francisco Dias da Rocha (1869 - 1960), que explorou a serra de Maranguape; por Philipp von Luetzelburg (1880 - 1948), na serra do Araripe; por Francis Elliouutt Drouet (1907 - 1982), nos municípios de Fortaleza, Maranguape, Pacatuba, Aquiraz, Soure (atual Caucaia) e Quixadá; pelo jesuíta José Eugênio Leite (1907 - 1950), da Escola Apostólica de Baturité. Os determinadores do material foram os botânicos Alexander Curt Brade (1881 - 1971), Charles Alfred Weatherby (1875 - 1949) e Konrad Hermann Heinrich Christ (1833 - 1933).

Para cada espécie, além do nome científico, são apresentados os seus sinônimos (quando existentes), distribuição geográfica e locais de coleta no Ceará.

As pteridófitas estão agrupadas segundo famílias e gêneros, conforme indicamos: Cyatheaceae - 1 gênero e 3 espécies; Polypodiaceae - 24 gêneros e 76 espécies; Parkeriaceae - 1 gênero e 2 espécies; Gleicheniaceae - 1 gênero e 2 espécies; Schizaeaceae - 2 gêneros e 3 espécies; Salviniaceae - 2 gêneros e 3 espécies; Lycopodiaceae - 1 gênero e 5 espécies; Selaginellaceae - 1 gênero e 4 espécies.

* * * BRAGA, R. - (1953) 1960 - *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. Imprensa Oficial, Fortaleza, 2ª ed., VIII + 540 p.

Este é o mais importante título da lavra de Raimundo RENATO de Almeida BRAGA, na área das Ciências Naturais.

“Nos volumes II e III (1937 e 1938) de *Nordeste Agrícola*, revista editada em Fortaleza, comecei a publicar a *Relação Alfabética das Plantas do Ceará (Naturais e Exóticas Cultivadas)*, abrangendo nomes vulgares, científicos e de família. Essa *Relação* interrompeu-se na letra M, inclusive, em março de 1938, com o desaparecimento do citado periódico. Finalmente, na *Revista do Instituto do Ceará*, a partir de 1948, venho escrevendo uma espécie de dicionário - *Plantas do Ceará* - , atualmente na letra

C, cuja parte impressa transpagino para este volume, ampliando o trabalho em aprêço." (p.VII).

No prefácio da primeira edição, o autor apresenta breve resumo dos estudos botânicos realizados no Ceará, cujo pioneiro foi o naturalista João da Silva Feijó (1760 - 1824), que viveu no Ceará entre outubro/1799 e agosto/1816 (PAIVA, 1991), cuja *Collecção Descritiva das Plantas da Capitania do Seara*, escrita em 1818, veio a ser publicada em 1984 (in NOBRE, 1984: 87 - 212), abrigando o que restou do manuscrito, agora sob a guarda da Biblioteca Nacional.

O texto completo deste livro é o que se encontra em sua segunda edição, com a incorporação de modificações e o estudo de novas fontes, revista por Adolpho Duke (1876 - 1959).

"A cópia de notas referentes à sistemática, sinonímia científica e vulgar, propriedades, usos, ecologia, geografia e história das plantas aqui tratadas, foi se estratificando vagarosamente, através de observações diretas, de informações e de leituras, cuja amplitude vai do livro especializado ao artigo de jornal." (p.VII). Além de vasta bibliografia, há uma relação nominal dos classificadores das plantas e respectivas abreviaturas; também, um índice de nomes e sinônimos científicos.

Esta é uma obra maior sobre a flora do Nordeste brasileiro, especialmente do Ceará, agora na sua quinta edição, publicada pela Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, na Coleção Mossoroense, série C/volume 1204, editada na cidade de Mossoró (2001).

* * * BRAGA, R. - 1962 - *História da Comissão Científica de Exploração*, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 410 p., [III] + 39 ests.

Esta é obra de merecido destaque na bibliografia sobre as expedições científicas que exploraram o território brasileiro, sendo aquela de maior importância sobre a Comissão Científica de Exploração. A idéia da sua criação/organização nasceu e se desenvolveu sob o amparo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a partir de proposta feita por Manuel Ferreira Lagos, na sessão de 30 de maio de 1856, presidida pelo Imperador Pedro II.

“Sempre me causou estranheza o silêncio dos estudiosos cearenses a respeito da Comissão Científica de Exploração. Aqui ela esteve durante mais de dois anos. Percorreu a Província em todos os sentidos, procurando realizar amplo programa de investigações, o primeiro a ser tentado no Império por um grupo de naturalistas e técnicos exclusivamente brasileiros.” (p.7).

O índice (sumário) deste livro compreende os seguintes tópicos: 1 - Origem da Comissão Científica; 2 - Organização; 3 - Os Chefes de Secções e seus Auxiliares; 4 - Demora no Rio de Janeiro; 5 - Partida e Instalação em Fortaleza; 6 - Fortaleza em 1859; 7 - Os Primeiros Seis Meses; 8 - O Episódio dos Camelos; 9 - Viagens ao Interior; 10 - O Processo Abel; 11 - O Naufrágio do **Palpite**; 12 - O Regresso da Comissão; 13 - Gonçalves Dias na Amazônia e 14 - No Rio de Janeiro. Os seus anexos são os seguintes: Relatório do Sr. Dr. Capanema lido na sessão do IHGB, de 4-12-1857; A Exposição no Museu Nacional; Bibliografia sobre a Comissão Científica de Exploração; Trabalhos da Comissão Científica de Exploração; Instruções para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil; Instruções gerais para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Império menos conhecidas; Relatórios dos membros da Comissão lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Notas aos trabalhos da Comissão Científica de Exploração; Desenhos e aquarelas de José dos Reis Carvalho.

A chefia da Comissão Científica de Exploração foi entregue ao conselheiro Francisco Freire Alemão (1797 - 1874), que também dirigiu a sua Secção Botânica – já incluído nesta série sobre os naturalistas e o Ceará (PAIVA, 1995). As demais secções tiveram os seguintes chefes: Secção Geológica e Mineralógica – Guilherme Schüch de Capanema (Barão de Capanema) - (1824 - 1908); Secção Zoológica – Manuel Ferreira Lagos (1816 - 1867); Secção Astronômica e Geográfica – Giacomo Raja Gabaglia (1826 - 1872); Secção Etnográfica e Narrativa da Viagem – Antônio Gonçalves Dias (1823 - 1864).

A Comissão Científica de Exploração desembarcou em Fortaleza, no dia 4 de fevereiro de 1859 e deixou definitivamente o Ceará em 13 de julho de 1861, de volta ao Rio de Janeiro.

"A Comissão Científica de Exploração, às vezes designada por *Imperial Comissão Científica e Comissão Exploradora das Províncias do Norte*, nasceu de uma idéia generosa, mas acima da compreensão do govêrno e do povo. As circunstâncias de meio e de tempo lhe eram adversas. Por isso viveu e se foi quase sem deixar traços de sua existência. Não passou de um belo plano frustrado em suas esperanças." (p.106).

Uma edição *fac-símile* desta valiosa obra foi publicada em Mossoró (1982), pela Fundação Guimarães Duque/Escola Superior de Agricultura de Mossoró, na Coleção Mossoroense (volume CC).

* * * BRAGA, R. - 1964/1967 - *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, letra A: 249 p., 1964; letras B - C: 499 pp., 1967.

Desta gigantesca obra apenas foram publicados os dois volumes, aqui indicados; os demais restaram praticamente prontos, sujeitos às inevitáveis atualizações, permanecendo inéditos.

Na introdução ao volume da letra A, o autor apresenta valiosas informações a respeito do dicionário, incluindo as razões do seu preparo e a sistemática do trabalho desenvolvido.

Sobre tais razões, levanta a oportunidade da série iniciada, lembrando três antecedentes, a saber: *Diccionario Topographico e Estatistico da Provincia do Ceará*, elaborado por Thomaz Pompeo de Souza Brasil (1818 - 1877), o futuro senador Pompeu, publicado por Eduardo & Henrique Laemmert, com apenas 90 páginas e dois mapas (estes em páginas não numeradas), publicado em 1861, na cidade do Rio de Janeiro; *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Estado do Ceará*, da autoria de Álvaro Gurgel de Alencar (1861 - 1945), com 383 páginas + 1 tabela em página não numerada, editado em 1903 na cidade de Fortaleza, por Editor - Louis C. Cholowieschi, com segunda edição (aumentada), com 416 páginas, publicada em 1939 pela Tipografia Minerva, também na cidade de Fortaleza; *Diccionario Historico e Geographico da Ibiapaba*, da autoria de Pedro Ferreira, com 192 páginas, [2] estampas, publicado por Ramos & Pouchain em 1935, na cidade de Fortaleza.

As informações que dão suporte ao dicionário foram colhidas nas mais diversas fontes, durante sucessivas e freqüentes viagens e na bibliografia existente, além da colaboração de amigos que redigiram certos verbetes, que aparecem assinados.

Ao concluir a sua introdução, acima referida, postula: "Enfim, aqui estão muitos anos de labor, de investigação honesta e desinteressada, que, para alegria minha, concretizam um projeto acalentado na juventude e norteado no único desejo de servir ao Ceará." (10).

Não compreendemos e profundamente lamentamos que esta obra não tenha ainda sido publicada, na sua completude, mesmo considerando as falhas ou omissões encontradas nos volumes deixados inéditos.

Ao saudar o lançamento do *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará* (letra A), eis o que nos disse Francisco de Souza NASCIMENTO (1964: 271): "Fruto de numerosas viagens, de informações sem conta e de porfiadas pesquisas bibliográficas, a obra que o Professor Renato Braga ora nos entrega, em sua etapa inicial, representa o maior esforço já realizado por um intelectual cearense no sentido de escrever um trabalho enciclopédico sôbre a toponímia do nosso Estado, em seu aspecto geográfico e histórico."

* * * BRAGA, R. - 1965 - Introdução da semente pecuária no Brasil. *Bol. Soc. Cear. Agron.*, Fortaleza, 6: 23 - 26.

Trata da ausência de animais domésticos nas Américas, na época do descobrimento pelos europeus; existiam os chamados xerimbabos e algumas espécies semidomesticadas, tais como a lhama, a alpaca e a cobaia, nos altiplanos andinos.

A princípio, os animais domésticos trazidos para as Américas vieram da península ibérica, dos Açores e dos arquipélagos fronteiros à África, principalmente das Canárias e do Cabo Verde. Para o Brasil, algum gado veio do próprio Portugal, mas o grosso foi oriundo do Cabo Verde.

A distribuição dos primeiros núcleos pecuários, ao longo da costa brasileira, esteve associada às feitorias, oficiais ou clandestinas, destinadas ao tráfico do pau-brasil. O povoamento dos

sertões, com animais domésticos, ocorreu a partir de Pernambuco, Bahia e São Paulo.

O homem e o tempo

Renato Braga foi um homem polivalente, destacando-se como administrador de serviços públicos, político militante, educador e intelectual. Sem qualquer dúvida, consolidou a então Escola de Agronomia do Ceará, no difícil tempo de sua passagem de instituição privada para a esfera da administração do estado do Ceará. Então, mostrou-se de extrema competência e habilidade, vencendo obstáculos e reformulando o ensino da Agronomia.

Convém aqui salientar que, sendo ele um professor de Zootecnia Geral, as obras que asseguram a sua permanência como intelectual de elevado valor, tratam das plantas do Nordeste do Brasil (especialmente do Ceará), da geografia e da história do Ceará – é o grande revelador das atividades e resultados da Comissão Científica de Exploração, que percorreu terras da então Província do Ceará (1859 - 1861), sob a chefia do conselheiro Francisco Freire Allemão (1797 - 1874).

“Como escritor, Renato Braga filia-se, não pelo estilo, mas pelo ideal telúrico, ao regionalismo cultivado por Tomás Pompeu, Rodolfo Teófilo, Pompeu Sobrinho, Ildefonso Albano, Joaquim Alves, Guimarães Duque e outros que, integrando-se nas letras como obreiros de novas esperanças, procurando largar as amarras da simples literatura como arte. E voltaram-se para as ciências dos recursos naturais, tratando diretamente das coisas da terra e do homem do nordeste e do Ceará.” (ANDRADE, 1969: 38).

Agradecimentos: Formulamos agradecimentos aos que, de alguma forma, nos ajudaram a escrever este trabalho, entre os quais destacamos as seguintes pessoas: Lucília Caliman Medeiros, Madalena Maria Montenegro Figueiredo, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos e Valdelice Carneiro Girão.

Bibliografia consultada

A bibliografia consultada para a elaboração do presente estudo, está abaixo relacionada. Os trabalhos e livros referidos no texto são indicados por asterisco (*), antecedendo o(s) nome(s) do(s) respectivo(s) autor(es).

*ANDRADE, F. A. - 1969 - *Renato Braga: In Memoriam (Subsídios para a História da Cultura no Nordeste)*. Imprensa Universitária do Ceará: Fortaleza, 242 p., [IV] ests., *Observação*: neste livro estão transcritos textos de muitos autores sobre o nosso homenageado, produzidos em decorrência de sua morte.

*ANDRADE, F. A. - 1979 - *Ensino e desenvolvimento das ciências agrárias no Nordeste (Ceará): 1918 - 1978*, Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil S/A, 555 p., ilus.

*BRAGA, R. - 1944 - [Discurso de posse no Instituto do Ceará]. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 58: 246 - 256.

FIGUEIREDO FILHO, J. - 1968 - O vice-reitor Renato Braga. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 82: 302 - 304.

GIRÃO, R. (org.) - 1957 - *Antologia Cearense (1ª série)*. Academia Cearense de Letras, XXIX + 439 p., ilus., Fortaleza. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga: p. 403 - 407.

GIRÃO, R. - 1975 - *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 263 p., [XI] ests.,. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga: p. 116 - 117.

*GUIMARÃES, H. V. - 1952 - *Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará*. Editora Jurídica Ltda: Fortaleza, 544 p., ilus.. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga: p. 117 - 120.

INESP. 1998 - *Deputados Estaduais: Legislatura 1951 - 1954*. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - INESP: Fortaleza, 199 p., ilus. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga.

*NASCIMENTO, F. S. 1994 - Historiador da Comissão Científica escreve uma enciclopédia do Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 78: 271 - 273.

*NOBRE, G. S. 1984 - *Estudos sobre a Coleção Descritiva das Plantas da Capitania do Ceará*. Gráfica Editora Cearense Ltda: Fortaleza, 281p.

NOMURA, H. 1992 - *Vultos da Botânica no Brasil (Parte II)*. Coleção Mossoroense, série C/volume 774, p.101-102, Mossoró. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga, p. 130-131.

OLIVEIRA, G. A. 1987 - Jubileu do Instituto do Ceará no transcurso do primeiro centenário de sua fundação. *Rev. Inst. do Ceará*, Fortaleza, TE 8: 443-468. Nota sobre Raimundo Renato de Almeida Braga, p. 467-468.

*PAIVA, M. P. - 1991 - Os naturalistas e o Ceará: I - João da Silva Feijó (1760 - 1824). *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 105: 21 - 44.

*PAIVA, M. P. - 1995 - Os naturalistas e o Ceará: III - Francisco Freire Allemão (1797 - 1874). *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 109: 51 - 88.

PORDEUS, I. - 1964 - Mais um livro de mérito. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 78: 269 - 270.

RAMOS, J. W. - 1944 - Recepção de novos sócios: III - Dr. Raimundo Renato de Almeida Braga. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 58: 236 - 245.